

João Adlpho Funk foi meu primeiro chefe. Eu tinha exatos 15 anos quando comecei a trabalhar como estafeta no Distrito de Construção Sete, do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. Coisas fantásticas ocorreram neste meu debute no serviço público, o que me garantiria uma aposentadoria por tempo de serviço na flor dos quarenta anos. Por ser funcionário dessa repartição pública, que lidava de construir estradas de ferro, eu tinha passe livre na Viação Férrea, o que me ensejou viagens de trens gratuitas para municípios de Porto Alegre a Uruguaiana. Esse meu ingresso no serviço, tão precocemente, ocorreu por que meu Pai, com toda a razão, cansou de pagar colégios não públicos, para um menino relapso. Mas abriu-me a porta para uma nova compreensão da vida. Recomecei o que hoje se chama de segundo grau numa escola que eu pagava com meu salário, completei o ciclo e fui avançando sem reprovações até terminas meu curso de Direito na Federal de Porto Alegre.

Mas, e o “seu” Funk? Era o diretor administrativo da repartição, um admirador do motociclismo que foi abandonando pela incidência de um intratável glaucoma.

A repartição recebeu para inspeções vários Jeeps, chamados, e eram, sobras-de-guerra. Veículos importados pelo Ministério de Viação, de origem americana.

Quando eu trabalhava nos inúmeros vídeos que integram este Projeto Cultural, havia um texto que era lido pela professora Rejane Santos de Toledo. Pela distância no tempo entre o “seu Funk” de minha adolescência, e a leitura nestes dias (anos 2000), quando da gravação a professora leu com naturalidade o que estava no papel, não hesitou em chamar meu antigo chefe e protetor de “seu *fank*”. Afinal é como se escreve o ritmo musical destes tempos.

Por último, foi muito famoso o filme *Perfume de Mulher*, onde o ator Al Pacino vive um personagem cego e que num dado momento decide dirigir uma Ferrari acompanhado de outro personagem. “Seu” Funk numa fase anterior aos modernos colírios para o glaucoma, pingava o dia todo gotas de um colírio que ao fim se provou inócuo; ao mesmo tempo comia muito amendoim, no cumprimento de sugestões de que aquele grão ajudava na cura do glaucoma. Ele não estava cego, mas era forte deficiente visual no momento que narro: Apanhava um dos sobras-de-guerra, me colocava no banco do carona e saía pela Porto Alegre ainda de poucos automóveis; ele dirigia o *jeep* e eu dizia, pára, vai, dobra à esquerda etc.

Seu Funk!

